

## **A SOCIEDADE INCIVIL E A POSSIBILIDADE DE SUA SUPERAÇÃO: repensando as relações humanas a partir das teorias da comunicação midiática<sup>1</sup>**

### **THE UNCIVIL SOCIETY AND THE POSSIBILITY OF ITS OVERCOMING: rethinking human relations based on media communication theories**

Rafael de Araújo Mélo<sup>2</sup>  
Claviano Nascimento de Sousa<sup>3</sup>  
Diogo de Almeida Camelo<sup>4</sup>

**Resumo:** *A vida contemporânea é inseparável da mediatização, com tecnologias ubíquas e algoritmos reconfigurando a experiência e a organização social, inserindo a sociedade numa crise antropológica e ética. Este artigo propõe interpretar a sociedade incivil, à luz das teorias da comunicação midiática, como um fenômeno comunicacional estruturante e, a partir disso, sugerir caminhos de superação ancorados na ética do comum. Nossa hipótese é que a incivilidade decorre da hipercomunicação tecnicamente orientada, que fragiliza os laços sociais, empobrece o simbólico e expande o infocontrole. Para tal, este ensaio teórico-reflexivo se apoia em autores da mediatização, do vínculo social e em perspectivas sistêmicas, críticas e decoloniais, analisando o conceito de mediatização, o bios midiático, a transição da linguagem ao código e, por fim, as alternativas dialógicas. O trabalho visa inspirar uma práxis epistemológica da comunicação baseada na competência crítica e na revalorização da escuta.*

**Palavras-Chave:** *Sociedade incivil. Mediatização. Bios midiático.*

**Abstract:** *Contemporary life is inseparable from mediatization, with ubiquitous technologies and algorithms reconfiguring social experience and organization, inserting society into an anthropological and ethical crisis. This article proposes to interpret uncivil society, in the light of media communication theories, as a structuring communicational phenomenon and, from this, suggest paths for its overcoming anchored in the ethics of the common. Our hypothesis is that incivility results from technically oriented hypercommunication, which weakens social ties, impoverishes*

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

<sup>2</sup> Doutorando do PPG em Estudos da Mídia (PPgEM) da UFRN. Bolsista Capes. Mestre em Jornalismo Profissional pelo PPJ da UFPB. Membro do GP Pragma (CNPq). Graduado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo (UEPB) e Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa (UFCG). E-mail: [rafaelmelojornalista@gmail.com](mailto:rafaelmelojornalista@gmail.com). <https://orcid.org/0009-0005-8258-9676>.

<sup>3</sup> Doutorando do PPG em Estudos da Mídia (PPgEM) da UFRN. Bolsista Capes. Mestre em Comunicação e Culturas Midiáticas pelo PPGC da UFPB. Membro do GP EPA! — Economia Política do Audiovisual (CNPq). Graduado em Comunicação Social — habilitação em Educomunicação (UFCG). E-mail: [kkacademico@gmail.com](mailto:kkacademico@gmail.com). <https://orcid.org/0009-0004-8780-1405>.

<sup>4</sup> Doutorando do PPG em Estudos de Mídia (PPgEM) da UFRN. Mestre em Jornalismo Profissional pelo PPJ da UFPB. Membro do GP EPA! — Economia Política do Audiovisual (CNPq) e da RIJR — Red de Investigadores de Juegos de Rol. Graduado em Comunicação Social — habilitação em Jornalismo (UEPB). E-mail: [realdiogoalmeida@gmail.com](mailto:realdiogoalmeida@gmail.com). <https://orcid.org/0000-0002-1183-5084>.

*the symbolic, and expands infocontrol. To this end, this theoretical-reflective essay relies on authors of mediatization, social bonding, and systemic, critical, and decolonial perspectives, analyzing the concept of mediatization, the media bios, the transition from language to code, and finally, dialogical alternatives. The work aims to inspire an epistemological praxis of communication based on critical competence and the revaluation of listening.*

**Keywords:** *Uncivil society. Mediatization. Media Bios.*

## 1. Introdução

Qual a última vez em que você trilhou um novo caminho sem ser guiado pelos aplicativos de geolocalização conectados à internet com tecnologia *GPS*? Ou qual a última vez em que você contemplou uma fotografia impressa e revisitou álbuns físicos em vez de pesquisar na fototeca do seu celular ou na nuvem em que estão hospedadas as suas fotografias digitais? Quais debates, diálogos ou discussões você tem travado para além da interação por meio de comentários em redes sociais ou microtextos em plataformas como o *Twitter/X*? Quais informações, dados, comportamentos da sua vida pessoal que você não teria coragem de compartilhar com o vizinho, mas não hesita em ceder às plataformas? Quais escolhas deliberadas do dia a dia você faz sobre consumo, seja de produtos culturais ou de produtos de manufatura, e quais você adquire a partir da oferta dos algoritmos? Que ações você executa cotidianamente a partir dos ensinamentos vistos no *YouTube*, como cozinhar ou consertar algo, em vez de buscar um livro de receitas ou o auxílio de um profissional ou algum conhecido experiente? Quantas vezes ao dia você tira dúvidas sobre qualquer coisa da vida com o *ChatGPT*? Vejam, a reflexão aqui proposta é de que a vida midiaticizada é uma realidade indissociável do modelo de sociedade contemporâneo, para a qual não fomos preparados e sem a qual não conseguimos mais sobreviver enquanto sociedade.

Diante desta provocação inicial, a nossa hipótese é que à luz das teorias da comunicação midiática é possível interpretar o conceito de sociedade incivil e propor caminhos para a superação da crise antropológica e ética na qual a era algorítmica nos insere. Neste contexto, as teorias da comunicação passam por uma ressignificação profunda de suas bases fundantes, não mais preocupadas com o dualismo entre instrumentalismo/difusionismo/funcionalismo e mediações/interação/estudos culturais, mas é a própria vida que está se estabelecendo nos mídias e, desse modo, a ciência do comum, a ciência da comunicação, precisa assumir uma nova visada no campo das ciências sociais, compreendendo o imbricamento da vida midiaticizada, não mais somente mediada pelos meios

de comunicação, mas configurada nos meios, nas plataformas, nas tecnologias da informação e da comunicação.

Diante deste cenário, novas teorias surgem para tentar compreender o contexto contemporâneo da vida *online*, nas telas, ubíqua, da plataformização à algoritmização. Mas não é possível pensar a comunicação de maneira dissociada de um complexo conjunto de fatores, logo porque é da própria vida humana e suas relações que estamos tratando ao falar em comunicação na atualidade. Assim, como coloca Muniz Sodré (2021), a circulação de bens e informações, a globalização, os fluxos acelerados de quantidades cada vez maiores de produtos de forma transterritorial, têm direta influência neste processo.

É nas plataformas que as pessoas estão existindo, é neste lugar ou não-lugar heterotópico que grupos sociais se reconhecem, se movem, vivem e sem o qual, podem padecer. Como nos explica Roger Silverstone (2005), nós também nos movemos em espaços midiáticos, uma vez que as experiências midiáticas são reais. Logo, estaríamos diante de uma sociedade incivil, uma utopia às avessas, uma distopia. O efeito narcotizante denunciado pelos estudos da Escola de Frankfurt diante da influência dos mídia na vida das pessoas no século passado assume outro *status* neste século. É um efeito que não apenas influencia, mas que determina, que transforma, que impele à ação direta num campo em que coexistem muitos usuários e no qual é possível direcionar grupos, mover bolhas (Pariser, 2012), criar comunidades com vínculos sociais frágeis, mas simbolicamente fortes, não mais através da difusão de conteúdos por meio das máquinas, mas por meio da operação lógica dessas próprias máquinas através do algoritmo ou da inteligência artificial.

Assim sendo, num primeiro momento, discutimos o conceito de midiatização como um processo social da vida humana a partir das concepções de autores como José Luiz Braga (2007), Antônio Fausto Neto (2008), e Luís Martino (2019), associando-as às ideias de *bios* midiático (Sodré, 2014) e *ethos* midiatizado (Sodré, 2013), para identificar a incivilidade desta sociedade midiatizada. Por fim, nos apoiamos em teorias como a cibernética de segunda ordem, representada pela autopoiesis dos processos comunicativos (Luhmann, 1998), a perspectiva crítica transformadora mobilizada pelo casal Armand e Michèle Mattelart (1997), a inter-relação entre sujeitos e as mídias (Bonin, 2024), e as perspectivas teórico étnicas apresentadas por Ailton Krenak (2020), Raquel Carneiro (2024) e o próprio Muniz Sodré (2021), como tentativas de contornar o problema a ser dissecado.

O trabalho, de cunho ensaístico e reflexivo, deve inspirar novas provocações e incursões pela temática proposta, sugerindo caminhos para uma práxis epistemológica da comunicação baseada na dialogicidade e na construção da competência crítica por parte não só da sociedade, mas dos cientistas do campo da comunicação.

## **2. Miatização da vida**

Quando os estudos da miatização se tornaram mais potentes, os pesquisadores perceberam uma visada do termo como conceito de sinônimo de presença e representação na mídia de algum assunto, tema, objeto. Poderia ser exemplo a miatização da saúde ou a miatização entendida enquanto cobertura jornalística de fatos (Fausto Neto, 2008).

Contudo, a concepção de miatização passou por um amplo movimento de alargamento conceitual para compreender, sobretudo, o processo social midiático e seu imbricamento com a vida cotidiana, abarcando a produção de sentidos em rede e a conformação de práticas sociais a partir das mídias.

Para isto, a miatização pode ser compreendida em três aspectos: simultaneamente entendida como instituição, tecnologia e linguagem; entendida como práticas sociais, de ações cotidianas em seu contexto histórico, econômico e social; e entendida como uma articulação entre as duas anteriores (Martino, 2019).

Isto significa dizer que a miatização não é mais tão somente a representação de algo, mas antes, é ela própria um organismo dotado do estatuto de instituição, tecnologia e linguagem, que configura as práticas sociais e que é, pelas práticas, redesenhada. Então, esta articulação procede de uma negociação de sentidos, práticas e significados dentro de uma relação construída e reconstruída a cada momento. Logo, o conceito vai superar a dicotomia mídia/sociedade dos modelos de estudos transmissivos, partindo de mídia e sociedade para mídia na sociedade, sendo a mídia um ambiente social, com conjunto de dispositivos tecnológicos, aglomerado de instituições — como as plataformas, por exemplo, — e forma ou linguagem de elaboração de uma mensagem (Martino, 2019). E ainda acrescentaríamos, sendo ela própria o código, não apenas meio, mas o código que estabelece as formas de relação humana. Por exemplo, a forma de aplaudir publicamente alguém passa a ser a curtida, mas este mesmo usuário não se manifesta publicamente nas ruas como o faz neste ambiente. A linguagem passa a ser operação e não representação (Fausto Neto, 2008).

E cabe dizer que este ambiente é ambíguo, no qual novas práticas sociais se estabelecem, entendendo-as como um conjunto de ações executadas por indivíduos e comunidades a partir da interação com os outros. O processo de midiatização acontece quando alguns aspectos das práticas sociais são reconfigurados para se ajustar às demandas decorrentes de sua articulação com o ambiente midiático (Martino, 2019). Se para Marshall McLuhan (1969), o meio é a mensagem, para Raquel Recuero (2011), é a rede que é a mensagem.

A noção de ambientes e lugares passa a ser fundamentada na mídia, que se torna referência matricial, lugar de organização e funcionamento da vida, algo maior do que instrumentalidades e funcionalidades (Fausto Neto, 2008).

Na medida em que o sistema midiatizado busca se integrar à vida cotidiana e que a vida cotidiana migra para este ambiente, surge um sistema autopoietico. A evolução de implantações técnicas a serviço de sociedades “anteriores” constrói lógicas próprias de funcionamento, como é o caso da inteligência artificial (IA), e o humano utiliza este sistema para viver no dia a dia, ao passo em que ajuda a alimentar a IA com suas informações, experiências, com sua própria vida. Desse modo, “interagir em sociedade passa a ser tratado como o modo de interações com o acervo dinâmico da rede informatizada e ao modo de referências a este acervo” (Braga, 2007, p. 10).

Para Braga (2007, p. 10), o que ele chama de midiatização configura a organização da sociedade com a construção de uma realidade social, entendendo-a como “reformulações tecnológicas de passagem dos processos mediáticos à condição de processualidade de referência”, em que construímos a realidade social enquanto tentamos organizar possibilidades de interação. Ou seja, a processualidade de interação social deixa de ser a escrita, por exemplo, para se tornar a midiatização, e é esta interação social que permite o ingresso do indivíduo na sociedade. Logo, para existir, para viver, é necessário interagir socialmente, portanto, é premente habitar no ambiente midiatizado, no *bios* midiático (Sodré, 2014). É neste espaço que estão as existências penduradas do indivíduo (Baitello Júnior, 2019).

Neste sentido, Braga aponta que existem inúmeros processos em curso que podem formatar uma sociedade com problemas reais dentro do ambiente midiático, a exemplo da interatividade enviesada com a extinção do retorno direto pessoal e o deslocamento para a

repercussão em massa (exemplo: nuvens de palavras/*clusterings*); o fim da ideia de receptor; a deslegitimação de padrões de como os campos se relacionam com a sociedade (tudo é de todos); dificuldade de percepção dos papéis sociais (descrédibilização da autoridade e desconfiança das instituições públicas democráticas), entre outros efeitos. Portanto, será este espaço midiático globalizante, desterritorial, conectado, na verdade, um prelúdio de uma sociedade insustentável? Para Steinberg (1970), faz-se necessário desmidiatizar o pensamento.

### 3. A vida era mais simples

A nuvem — que não é nuvem — guarda a sua coletânea de fotos, que quase não será visitada. Os álbuns não ocupam mais espaço na estante. As fotos antigas eram vistas em um espaço físico como a sala de casa e ficavam naquele ambiente, não eram editadas, nem compartilhadas em alguma rede visível a todo o mundo. Hoje elas escorrem pelas mãos e fogem ao domínio dos seus proprietários, são enviadas pelo *WhatsApp* ou publicadas no *Instagram*, e deste processo deriva um resultado interacional que pode ser direcionado por algoritmos ou sofrer alteração com uso da inteligência artificial. Quanto mais midiaticizada uma sociedade, mais ela se complexifica (Verón, 2002). Indubitavelmente, a vida era mais simples, menos complexa:

A sociedade na qual se engendra e se desenvolve a midiaticização é constituída por uma nova natureza sócio-organizacional na medida em que passamos de estágios de linearidades para aqueles de descontinuidades, onde noções de comunicação, associadas a totalizações homogêneas, dão lugar às noções de fragmentos e heterogeneidades (Fausto Neto, 2008, p. 93).

Nesta nova vida tecno-social, a sociabilidade dá lugar à informacionalidade e isso inaugura uma visão representacional diferente para o mundo sobre tudo: cada vez mais complexos dispositivos técnicos ajustam nossa percepção ao mundo e às suas capacidades de simulações. Assim, a midiaticização seria:

[...] uma elaboração conceitual para dar conta de uma nova instância de orientação da realidade capaz de permear as relações sociais por meio da mídia e constituindo -- por meio do desenvolvimento acelerado dos processos de convergência midiática -- uma forma virtual ou simulativa de vida (Sodré, 2014, p. 77).

No século XX, as muitas teorias da comunicação tentaram compreender os fenômenos por diversas frentes, da teoria matemática, transmissional, do difusionismo, da interação, do funcionalismo, das mediações, da teoria crítica, dos estudos culturais. Edgar Morin (2003, p.

10), quando propõe uma teoria complexa da comunicação, não enxergava um problema especificamente na mídia. “O problema não era saber o que a mídia faz de nós, mas o que nós fazemos da mídia”. Na contemporaneidade, o problema social está sim na mídia porque é nela que vivemos, não apenas consumimos. A sociedade da informação (Castells, 1999) dá lugar a uma sociedade em formação, que tem sua centralidade nos processos midiáticos. O indivíduo abre mão da memória, por exemplo, aderindo à memória coletiva (Palacios, 2011); o ato social coletivo está instituído na cultura da participação (Shirky, 2011), e assim vai se reproduzindo em cada atividade, acentuando a crise do objeto das tradicionais ciências sociais, “conformadas por um espaço-tempo anterior e muito distinto daquele em que em se desenvolve a midiatização” (Sodré, 2012, p. 13). A mídia é o mundo.

A ideia de território migra para um desdobramento tecnológico da cidade humana, que não só influencia a realidade, mas que constitui um novo espaço, uma nova realidade. Vilém Flusser (2008) denuncia a anulação progressiva da dimensão espaço-temporal dos objetos para transformá-los em imagens técnicas, que presidem à imaterialidade da própria sociedade midiatizada. Ou seja, esta sociedade midiatizada é imaterial, se constitui num nada, mas este nada é também o ambiente no qual estamos penhorando as nossas vidas, é “um novo tipo de gestão da vida dos indivíduos pelas forças transnacionais do mercado e, implicitamente, a uma política entendida [...] enquanto ambiência subjetiva e cultural” (Sodré, 2014, p. 187-188). É a colonização da vida pelos sistemas.

A midiatização representa o ápice das telerelações humanas e da virtualização da vida. As próteses são extensões muito maiores do que instrumentos, partindo de tecnologias a agentes.

A conduta seria o espelho em que todos exibem a sua imagem, mas no ambiente midiatizado, este *bios* midiático, há um simulacro tecnicamente autorreferente, logo a realidade é sublimada por este espelho turvo que não reflete a realidade referente da vida, mas um novo modelo de gestão da vida social por meio das tecnologias (Sodré, 2013). A configuração de tal sistema autopoietico descrito, justifica-se no horizonte epistemológico mais amplo inaugurado pela teoria cibernética (Wiener, 1965; 1989) especialmente em suas formulações de segunda ordem de Heinz von Foerster (2003), que deslocam o foco da causalidade linear para processos de autorreferência, retroalimentação e autorregulação marcados pela subjetivação do olhar do observador, que passa a participar do drama de

interação mútua de um sistema entrópico (Serra, 2007. p. 108-109). A perspectiva desses autores contribuiu para a consolidação de uma visão sistêmica segundo a qual os sistemas não reagem mecanicamente aos estímulos externos, mas operam de acordo com suas próprias estruturas internas.

Nesse contexto, a autopoiesis pode ser compreendida como um desdobramento radical da cibernética, ao afirmar sistemas que não apenas se regulam, mas produzem continuamente seus próprios elementos, o que observamos claramente na complexa trama da midiaticização: plataformas midiáticas que atribuem ao usuário a função de parte integrante da maquinaria que se inicia a partir da visualização de uma notificação, por exemplo.

Em oposição a atual realidade, Raquel Carneiro (2024) repensa o lugar das vozes indígenas na produção de conhecimento, instaurando uma abertura epistemológica que recusa a fragmentação ocidental e legitima os saberes originários. A reflexão parte da cosmologia Mbyá-Guarani, centralizando os conceitos de *mbyá rekó* (modo de ser) e *nhe'ë* (palavra-alma).

Esses conceitos desestabilizam a noção de sujeito racional e revelam uma comunicação que não se reduz à troca de mensagens, mas se funda na própria relação ontológica entre o ser, a comunidade e o cosmos. Comunicar é aprender a viver com e entre mundos, reconhecendo a interdependência com o ambiente (rios, montanhas, ventos). Assim, o ato comunicativo, no *mbyá rekó*, nasce do gesto primordial de escutar, que é uma disposição espiritual e antecede a palavra. Conforme destaca a autora:

É na receptividade à transversalidade de vozes ao longo da história que os sujeitos comunicacionais indígenas e não indígenas constroem suas sabedorias dentro de uma bionomia da comunicação. A comunicação é, portanto, compreendida como ambiente, e não como sistema (Carneiro, 2024. p. 240).

Ao incorporar o silêncio e o ruído, esse olhar ecológico desloca as teorias da comunicação para a bionomia da comunicação, por meio da qual a vida e a linguagem se enredam. A comunicação é, portanto, compreendida como ambiente, e não como sistema.

Com efeito, tal pensamento se torna alternativo à interpretação de Sodré (2021) ao que se pode chamar de crise da compreensão. Conforme explica o autor, a linguagem é a ordem simbólica da sensibilidade e do acolhimento às aproximações e distanciamentos que somos capazes de fazer e que expressam aquilo que somos (Sodré, 2021. p. 15). Na “Era algorítmica”, “o automatismo linguístico é próximo ao psitacismo, a fala do papagaio”, e

nessa dinâmica em que o algoritmo versa com a função do emissor concentrando o poder, o receptor perde a capacidade simbólica de resposta.

Assim, ao abordar as trajetórias de comunicadoras como Andila Kaingáng, demonstrando a potência política de transformar a denúncia local em pauta nacional via jornais, e Eliane Potiguara, ao fundar a Rede GRUMIN, Carneiro (2024) demonstra como é possível superar a ideia de sociedade incivil pela capacidade de escuta mobilizada e pela compreensão da linguagem, além de alinhar a comunicação à educação libertadora (pedagogia freireana) como modo de emancipação e recomposição comunitária, abordagem que faremos na seção a seguir.

#### **4. Vínculo social e mídia**

A comunicação é entendida pelos teóricos que se debruçam sobre a unidade constitutiva da comunicação como o processo basilar do vínculo social, que estabelece o comum entre os indivíduos e se configura como a organização social e a manutenção das comunidades (Sodré, 2014). Logo, comunicar exige obrigatoriamente contribuir para organizar o mundo ou deixar-se organizar pela dimensão do ordenamento simbólico deste mundo. É a partilha, a ação comum, que consolida o vínculo social, e que nasce pela necessidade de sobrevivência na coletividade. Ou seja, por meio das diferenças entre as pessoas, cria-se o laço comum a partir da comunicação, a fim de que não haja a barbárie entre os indivíduos e assim as pessoas passam a se comunicar, para poderem viver, criando a ideia de civilidade.

A comunicação é a ação de articulação do comum por meio da mobilização das diferenças, é uma “base existencial da vinculação humana, assim como a ideia do processo de transformação do vínculo em ato” (Sodré, 2014, p. 16). Ou seja, é a comunicação que organiza a sociedade, vincula os indivíduos e impele a construir a comunidade e a sociedade civil. É ela que torna possível a organização social, que une a estrutura do conjunto ao sistema do conjunto, da comunidade à sociedade. O comum é a base, o *a priori*, os signos e os códigos configuram esta superfície na qual a comunicação promove as trocas interacionais sociais pelo discurso e pela linguagem para formar a organização simbólica do mundo.

A vinculação é uma condição originária do ser atravessado pelo comum, pela mesmidade no outro e pela diferença no outro, que o pressiona para fora e o divide. Por isso,

o vínculo é o nada constitutivo, de imanência despercebida, um laço invisível que estabelece uma comunidade: ser-com em um lugar.

Esta realidade se potencializa e se reconfigura com os meios de comunicação de massa. E com a internet, a vinculação social — produto da comunicação — ganha outros contornos que redefinem a organização social. A coesão social, portanto, é construída a partir da comunicação e, na contemporaneidade, a coesão é também corroída pela mídia, o que parece um paradoxo. Para Morin (2003), quanto mais há comunicação, menos há compreensão. Ou seja, o que geraria o vínculo e a organização social, pode na verdade promover o esfacelamento da coesão social.

A comunicação é uma experiência antropológica fundamental, sem a qual não há vida social. Mas no contexto da antropológica do espelho (Sodré, 2013), não há coesão. A perspectiva de Sodré aponta para a criação de um bios midiático, que é uma nova esfera existencial. “O *bios* midiático é uma espécie de chave virtual aplicada à vida cotidiana, à existência real-histórica do indivíduo” (Sodré, 2014, p. 107). A questão é que este espaço é totalmente autorreferente, autopoietico, no qual as pessoas estão penhoradas com suas existências penduradas por meio dos perfis, ou avatares, mas que funciona numa lógica algorítmica, sem gente, anulando a possibilidade do diálogo, da comunicação, semiotizando a vida, estabelecendo um mundo outro, alheio ao humano. É uma forma simulada ou espectral de vida.

As teorias da comunicação tentam se debruçar sobre as relações sociais a partir das mídias desde o século XX. As teorias da persuasão funcionaram neste sentido. As teorias dos efeitos buscaram meios técnicos de aferir as mudanças operadas pela mídia nos laços de coesão tradicionais. Os estudos das mediações ampliaram a compreensão do fenômeno, investigando o entorno dos media e os estudos culturais englobam uma série de aspectos. Sodré (2014) defende o uso da antropologia e da sociologia para analisar a comunicação, pelo estatuto temporal para interpretar e saber. Este estatuto é impossível de realizar-se exclusivamente na comunicação enquanto ciência pelo seu imediatismo e sua instantaneidade. As pesquisas tendem a uma visada comercial, industrial e menos comprometida com a investigação dos problemas de comunicação social na atualidade.

## 5. O código é o novo discurso

Comunicar-se na sociedade da comunicação, da informação, das mídias, parece ter se tornado mais difícil e complexo do que na época dos hieróglifos, do Código Morse, da tecnologia impressa como estatuto do discurso. É que o código é outro, não mais pautado na materialidade da linguagem, é quase inumano:

As lutas são travadas visando o acesso à operacionalidade do código e não o exercício/aprendizagem das gramáticas significacionais instituídas pelas racionalidades das instituições que definiam os esquemas e modelos de pertença (Fausto Neto, 2008, p. 94).

Se a linguagem foi o que sempre operacionalizou a comunicação e a escrita foi o que formalizou a instituição das relações humanas, a comunicação computacional e a interação mediados nas plataformas embotam a relação entre humanos.

O diálogo se torna uma impossibilidade na era da mediação. Não há comunicação, não há compreensão, apenas código, que impele a mais código. Assim, a comunicação neste espaço não procede do vínculo comum, objetivando a organização social, porque a máquina compreende que onde há grandes nós de código, existe comunicação que merece mais impulso. Contudo, na maior parte das vezes, onde há muitos fluxos comunicacionais, é onde está exatamente a confusão, as disputas de narrativas, a desinformação, o embate. Ou seja, é o princípio da entropia.

A linguagem nas redes escapa às mãos dos seus usuários. O homem não é detentor das formas de expressão e responsável direto pela interação na contemporaneidade. “O homem se comporta como se ele fosse criador e senhor da linguagem, ao passo que ela permanece sendo a senhora do homem” (Heidegger, 2008, p. 126). Pouco a pouco, a máquina vai expelindo o maquinista, na analogia feita por Max Horkheimer (2007).

As máquinas substituem gradativamente a memória mecânica e repetitiva do ser humano e a sua linguagem, pois ela adere significativamente ao código das redes em detrimento da linguagem e do discurso entre os pares, “a linguagem enquanto lugar essencial da criatividade humana tende a ser absorvida pela tecnologia” (Sodré, 2014, p. 124). E isto exige uma nova hermenêutica da tradução, uma redescritção das relações entre o homem e as neotecnologias.

Sodré explica a dicotomia entre significar e simbolizar compreendendo a significação como código com significado em si e a simbolização como uma organização interativa de

elementos abstratos. No processo simbólico metabolizado pela socialização, o indivíduo é dessingularizado para ser igual na lei, equivalente a um valor de igualdade, logo um símbolo, uma representação (Sodré, 2014). A comunicação midiaticizada é autorreferente com símbolos abstratos que produzem uma significação própria, combinada com elementos da vida física e constituídos na vida virtual. O humano neste ambiente é simbolizado por referentes como avatar e perfil para poder existir, mas ao mesmo tempo, é algo tão frágil e abstrato, que a existência humana, pendurada (Baitello Júnior, 2019), representa quase nada. Ou seja, a forma discursiva de vida é *gamificada*, faz parte de um código. É este o mundo de tecnologias totalizantes que reduz a vida a um símbolo maquinal.

## **6. Uma sociedade dialógica frente a uma sociedade incivil?**

O processo que vivenciamos e tentamos descrever é atravessado continuamente pela financeirização da mídia. Estes nós de fluxos de código comunicacional com pouca compreensão, ruptura do laço social e muita confusão, são os que mais geram receita, levando a um fetichismo financeiro (Sodré, 2014). A tônica da contemporaneidade é o rentismo (Sodré, 2021), promovido nestes espaços.

Seria a mídia o novo totem desta sociedade? Afinal, “a mídia eletrônica seria o grande ícone desse processo no que diz respeito à configuração atual dos discursos públicos e da produção coletiva de sentido” (Sodré, 2014, p. 61).

E neste cenário, as tecnologias de comunicação fetichizam a realidade e reduzem a complexidade das antigas diferenças a um novo componente: o mercado. A informação passa por vários estágios de definição, mas se conclui como uma fonte de dados que se resume ao final em produtos, e estes produtos, a partir da sua circulação acelerada entre nações, fortalecem o desenho de globalização. É a isto que tem se tornado a ideia de comunicação e organização social, uma realidade incompatível com a ideia humana, embora Sodré alerte sobre a não confusão com as teorias pós-humanistas.

A velocidade e fluidez das conexões favorece a aceleração distributiva dos processos e intensifica o fluxo temporal e o fluxo de capitais, é o ápice do neoliberalismo: nada permanece, nada é de ninguém, tudo é fluido e rápido:

Em termos públicos, o fenômeno recebe o nome de globalização, mas politicamente coincide com a ideologia do "neoliberalismo", uma plataforma econômico-político-social-cultural, empenhada em governo mínimo,

fundamentalismo de mercado, individualismo econômico, autoritarismo moral e outros (Sodré, 2013, p. 13).

Este processo é atravessado ou reconhecido como comunicação, mas vai na contramão do que é comunicação, entendida como o vínculo social organizativo, o comum que faz comunidade. Qual é o resultado deste modelo novo? Infocontrole e datavigilância.

A grande discussão é que a comunicação na era midiaticizada não funciona a partir da ideia do comum, que cria a civilização, mas num sentido contrário, favorecendo a incivilidade. Os vídeos da inteligência artificial, por exemplo, criam completas heterotopias distópicas (Mélo; Sousa; Camelo, 2025) e são aceitáveis neste ambiente, mas são puro produto de incivilidade. E, neste cenário, a mutação humana “preside à emergência de uma nova orientação existencial (o *bios* virtual)” (Sodré, 2014, p. 108).

Frente ao entendimento da existência de uma biosfera virtual, emerge o passado, a ancestralidade dos povos tradicionais e originários, as alternativas geradas por experiências que mobilizadas no campo epistemológico da antropologia e das ciências sociais aplicadas, não descarta suas práxis e está aberta a compreensão do seu tempo e da linguagem do seu tempo. Jiani Bonin (2024) desloca sua análise para o fenômeno da midiaticização e da digitalização, que reconfiguram de maneira decisiva a experiência comunicacional contemporânea. A midiaticização amplia a presença das mídias no cotidiano e cria um *bios* midiático que atravessa identidades, afetos e rotinas. Já a digitalização intensifica a capacidade de produção dos sujeitos, que passam a operar também como emissores, ou seja, dominar o código, embora esse papel dependa do acesso e das competências necessárias para navegar plataformas, sistemas e lógicas algorítmicas. Essa condição híbrida, simultaneamente produtiva e condicionada, leva Bonin (2024), em conjunto com o grupo Processocom, a propor o conceito de “sujeito comunicante”. Trata-se de uma figura complexa, histórica e multidimensional que atua no interior do *bios* midiático, produzindo sentidos que podem reproduzir hegemonias, mas também negociá-las ou transformá-las.

Ao passo que Carneiro (2024) propõe uma lógica situada no terreno da etnomultimídia indígena como uma mudança de paradigma e prática política, não apenas como uma variante do jornalismo, o pensamento de Sérgio Silveira (2021) oferece uma visada estrutural que reconecta a política com o espírito na medida em que, citando Bruno Latour (2012), denuncia que um intermediário (como o algoritmo) é sempre um mediador

que interfere nas interações, manipulando o conteúdo, como fazem as plataformas digitais tais quais *Facebook* e *YouTube*, por exemplo, para maximizar a monetização, e não para o bem comum; e ao mesmo tempo alerta para necessidade de um comportamento soberano também no que se refere ao armazenamento e processamento de dados por parte de nações do Sul Global que podem e devem assumir o controle de sua memória e transcendência.

Talvez o passo mais importante do processo de superação da sociedade incivil, o resgate do sentido comum compartilhado, seja encontrado também nos pressupostos defendidos por Ailton Krenak. De sorte que, ao denunciar o antropocentrismo contemporâneo que transforma o sujeito em herói tecnológico (Krenak, 2020. p. 6), o autor recoloca o humano como parte de uma ecologia ampla, questionando o discurso hegemônico que os meios ajudam a naturalizar e reforça o papel do dialogismo.

Ou seja, para fugir a comunicação pode estar favorecendo a incivilidade e a superação pode estar nas práticas ancestrais.

## **7. Considerações finais**

Ao longo deste ensaio, buscamos reler o conceito de sociedade incivil, proposto por Muniz Sodré (2021), à luz das teorias contemporâneas da comunicação midiática, compreendendo-o, para além de uma etiqueta moral ou de um diagnóstico impressionista do presente, como uma categoria capaz de iluminar transformações estruturais nas formas de vínculo social, linguagem, e experiência cotidiana em contexto de midiaticização, plataformização e algoritmização. Sustentamos, como hipótese, que a incivilidade contemporânea não decorre da ausência de comunicação, mas de uma hipertrofia técnico-operacional do comunicacional, que empobrece a dimensão simbólica do comum e reorganiza a vida por meio de lógicas financeiras e automatizadas, sob a ótica da vigilância dos dados.

A midiaticização, nesse percurso, aparece como processo social reestruturante e ambivalente: amplia possibilidades de presença e participação, mas também instaura um bios midiático autorreferente em que o diálogo tende a ser substituído pela operacionalidade do código, e o reconhecimento do outro se fragiliza diante de arquiteturas de engajamento e monetização. Por isso, a sociedade incivil manifesta-se como um paradoxo: hiperconectada e, ao mesmo tempo, de vínculos socialmente frágeis; saturada de mensagens e, ao mesmo tempo, com baixa capacidade de compreensão, escuta e construção de mundo compartilhado.

Se o diagnóstico aponta para sistemas comunicacionais com dinâmicas autopoieticas e retroalimentadas — tal como sugerem aproximações com a cibernética de segunda ordem — a superação da sociedade incivil não pode ser reduzida a soluções técnicas ou a apelos moralizantes. Ela exige uma práxis comunicacional orientada por uma ética do comum e por um esforço de reconstrução do vínculo social, recolocando a comunicação como ação organizadora da vida coletiva, um retorno à comunidade, como proposto por Raquel Paiva (2003). É nesse ponto que as perspectivas críticas e decoloniais mobilizadas aqui tornam-se decisivas: ao reposicionar a comunicação como ambiente relacional (e não apenas sistema), ao deslocar o foco da emissão para a escuta, e ao reconhecer outras epistemologias da linguagem e da vida, elas abrem caminhos para reimaginar formas de convivência comunicacional para além da lógica estritamente mercantil e algorítmica.

Nesse horizonte, sugerimos alternativas que não se confundem com um retorno nostálgico a um passado pré-digital, mas com a afirmação de um conjunto de condições de possibilidade para recompor a civilidade:

- a) fortalecimento de uma competência crítica comunicacional que reconheça os mediadores algorítmicos e as assimetrias de poder nas plataformas;
- b) revalorização do diálogo como prática social e não como mera circulação de mensagens;
- c) promoção de educação para a mídia e para a linguagem como exercício de compreensão, e não apenas de performance informacional;
- d) ampliação de vozes e cosmologias historicamente subalternizadas, capazes de reabrir o sentido de comunidade, cuidado e interdependência;
- e) defesa da soberania informacional e de políticas públicas que enfrentem a financeirização e a governança opaca dos ecossistemas digitais.

Ao conectar essas pistas, reafirmamos que o desafio colocado às teorias da comunicação hoje, muito mais do que descrever os efeitos da mediatização, consiste em operacionalizar conceitos e produzir inteligibilidade crítica capaz de tensionar estruturas e reposicionar a vida digna como horizonte do pensamento comunicacional. É também nesse sentido que este trabalho atua como um exercício de aproximação, reconhecimento, desconstrução e reconstrução teórica. Ao mobilizar a mediatização, o *bios* midiático e a sociedade incivil, e perspectivas críticas e alternativas de reconstrução do comum,

procuramos produzir um ensaio que fortaleça a capacidade de pensar criticamente a comunicação como campo comprometido com a vida.

Por fim, se a sociedade incivil se caracteriza pelo esgarçamento do vínculo e pela automatização do simbólico, sua superação — ainda que parcial e tensionada — depende de recolocar a comunicação como ciência do comum, isto é, como prática de escuta, responsabilidade e construção compartilhada de mundo. A tarefa é simultaneamente teórica e política: exige pensamento crítico renovador e exige também intervenção cultural, pedagógica e institucional. Diante de um presente em que a vida tende a ser gerida pelo código, insistir no diálogo, na compreensão e na reinvenção do comum é uma condição de possibilidade para que a comunicação volte a servir menos ao mercado e mais à continuidade humana no planeta.

## Referências

- BAITELLO JÚNIOR, N. **Existências penduradas**: selfies, retratos e outros penduricalhos. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2019.
- BONIN, J. Pensando os sujeitos em inter-relações com as mídias na pesquisa comunicacional. In: BONIN, J. A.; ROSÁRIO, N. M. **Construções transmetodológicas na pesquisa em comunicação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024, p. 58-78.
- BRAGA, J. L. Miatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, A. S.; ARAÚJO, D. C.; BRUNO, F. (Org.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**: livro da XV Compós. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- CARNEIRO, R. **Etnomultimídia indígena**: configurações de vozes de uma demarcação etnomulticomunicacional cidadã e descolonizadora no Brasil. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma «analítica» da miatização. **MATRIZES**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89–105, 2008. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v1i2p89-105. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/38194>. Acesso em: 14 dez. 2025.
- FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.
- HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 5. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. 2008.
- HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. 7. ed. São Paulo: Centauro, 2007.
- KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LATOUR, B. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LUHMANN, N. **Organización y decisión**: autopoiesis, acción y entendimiento comunicativo. Traducción de Darío Rodríguez Mansilla. Barcelona: Anthropos/Universidad Iberoamericana, 1998.
- MARTINO, L. M. S. Rumo a uma teoria da miatização: exercício conceitual e metodológico de sistematização. **Intexto**, Porto Alegre, p. 16–34, 2019. DOI: 10.19132/1807-85832019.16-34. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/77889>. Acesso em: 25 nov. 2025.
- MATTELART, A.; MATTELART, M. **Historia de las teorías de la comunicación**. Traducción de Antonio López Ruiz y Fedra Egea. Barcelona; Buenos Aires: Paidós, 1997.
- MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MÉLO, R. A.; SOUSA, C. N.; CAMELO, D. A. A estetização algorítmica do audiovisual: ultrarrepresentação e modos de presença em vídeos gerados por IA. In: GROSSI, A.; FERRARI, P.; MARTÍNEZ-ROLÁN, X. (Coord.) **Compreensões sobre a IA generativa**. Aveiro: Ria Editorial, 2025, p. 450-477.
- MORIN, E. A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 07–12, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2003.20.3197. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3197>. Acesso em 20 dez. 2025.
- PAIVA, R. **O espírito comum**: comunidade, mídia e globalismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad. 2003.
- PALACIOS, M. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. **MATRIZES**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 37–50, 2011. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v4i1p37-50. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/38274>. Acesso em: 10 jan. 2026.
- PARISER, E. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Tradução de Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.
- RECUERO, R. Redes sociais na internet. In: FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. (Org.) **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SERRA, P. **Manual de teoria da comunicação**. Covilhã: Livros Labcom, 2007.

SHIRKY, C. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Tradução de Celina Portocarrero. São Paulo: Zahar, 2011.

SILVEIRA, S. A. A hipótese do colonialismo de dados e o neoliberalismo. In: SILVEIRA, S. A.; SOUZA, J.; CASSINO, J. F. (Org.). **Colonialismo de dados**: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo: Autonomia Literária, 2021, p. 33-51.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** Tradução de Milton Camargo Mota. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SODRÉ, M. **A ciência do comum**: notas sobre o método comunicacional. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear em rede. 8. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

SODRÉ, M. **A sociedade incivil**: mídia, liberalismo e finanças. Petrópolis/RJ: Vozes, 2021.

SODRÉ, M. Comunicação: um caos criativo. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, 2012. DOI: 10.12957/logos.2012.5617. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/5617>. Acesso em: 11 jan. 2026.

STEINBERG, C. S. **Meios de comunicação de massa**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1970.

VERÓN, E. **Espacios mentales**: efectos de agenda 2. Barcelona: Gedisa, 2002.

VON FOERSTER, H. **Understanding understanding**: Essays on cybernetics and cognition. New York: Springer, 2003.

WIENER, N. **Cybernetics**: or control and communication in the animal and the machine. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1965.

WIENER, N. **The human use of human beings**: cybernetics and Society. London: Free Association Books, 1989.